

# Contexto Local da Segurança Humana: abordagem metodológica da elaboração e validação de conteúdo de uma escala de conceito

## *Local Context of Human Security: methodological approach to the development and validation of a concept scale*

**Maria do Carmo Romeiro**<sup>1</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3158-7903>; **Alexandre Wállice Ramos Pereira**<sup>2</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0396-7957>; **Antonella Maria das Chagas Sousa**<sup>3</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8508-4535>; **Francisco Rozsa Funcia**<sup>4</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5410-6367>; **Anderson Gedeon Buzar Reis**<sup>5</sup>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9500-7464>

1. Mestrado em Administração pela Universidade de São Paulo (1996) e doutorado em Administração pela Universidade de São Paulo (2006) - SP/ Brasil. Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS/Programa de Pós-Graduação em Administração – São Caetano do Sul – SP – Brasil. E-mail: [maria.romeiro@online.uscs.edu.br](mailto:maria.romeiro@online.uscs.edu.br)

2. Doutorado em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil(2022). Professor Assistente da Universidade Federal de Campina Grande , Paraíba – Brasil. Universidade Federal de Campina Grande/Centro de Ciências Jurídicas e Sociais/Unidade Acadêmica de Ciências Contábeis – PB – Brasil. E-mail: [alexandre.ufcg.adm@gmail.com](mailto:alexandre.ufcg.adm@gmail.com)

3. Doutorado em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil(2022). Docente da Universidade Aberta do Piauí , Brasil. Universidade Federal do Piauí/Centro de Educação Aberta e a Distância – Teresina- PI- Brasil. E-mail: [adm.cead@hotmail.com](mailto:adm.cead@hotmail.com)

4. Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP /Brasil. Mestre em Economia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em Administração pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Universidade Municipal de São Caetano do Sul – São Caetano do Sul – SP – Brasil. E-mail: [francisco.funcia@online.uscs.edu.br](mailto:francisco.funcia@online.uscs.edu.br)

5. Mestrado em Administração de Empresas pelo FUCEPE, Brasil(2016). Professor do ensino básico técnico e tecnológico do Instituto Federal Educ., Ciência e Tecnol. do MA. Instituto Federal de Educação – SP – Brasil. E-mail: [anderson.gedeon@ifma.edu.br](mailto:anderson.gedeon@ifma.edu.br)

### Resumo

A Segurança Humana (SH) representa ferramenta útil para identificar desafios contemporâneos de promoção do bem-estar, cujos modelos de mensuração consideram, geralmente, o contexto nacional. Este estudo objetivou: a) identificar uma estrutura de mensuração da SH no cotidiano de vida urbana em âmbito local; b) descrever uma alternativa metodológica dessa estruturação sob uma ótica replicável. Sua relevância consiste em disponibilizar instrumento para acompanhamento das condições cotidianas da SH, bem como tornar aparente a íntegra do processo metodológico, oportunizando replicação a outros estudos. A alternativa metodológica apresentou referência teórica inicial de 819 artigos, sendo 56 mais aderentes à especificidade do estudo e seis diretamente contributivos do inventário com 103 itens de SH. Sequencialmente, essa alternativa consolidou as dimensões da SH, seus indicadores, a revisão por especialistas e o pré-teste do instrumento. O resultado final identificou 40 indicadores, operacionalizadores das dimensões, interpretáveis localmente e ordenadores de princípios de políticas públicas de SH microescalar.

**Palavras-chave:** segurança humana, vida urbana, contexto local da segurança humana, escala de mensuração da segurança humana

### Abstract

The Human Security (HS) is a useful element to identify contemporary challenges of promoting well-being, a human measurement tool, generally, the national context. This study aims to: a) identify a structure for measuring HS, in everyday urban life at the local sphere; b) describe a methodological alternative for this structuring from a replicable perspective. Its relevance for integration consists of making instruments available for everyday conditions of HS, such as making the opportunity to present a methodological process of replication to other studies. The methodological alternative presented an initial reference of 819 articles, 56 which were more adherent to the specificity of the study and six directly contributory to the inventory with 103 HS items. Sequentially, this alternative was consolidated as dimensions of the HS, its indexes, the review by specialists and the pre-test of the instrument. The final result identified 40 indicators, operationalizers of dimensions, locally interpretable and ordered of public policy principles from a micro scale HS.

**Keywords:** human security, urban life, local context of human security, human security measurement scale

**Citation:** Romeiro, M.C., Pereira, A.W., Sousa, A.M.C., Funcia, F.R., Reis, A.G. (2023). Back to the Local Context of Human Security: methodological approach to the development and validation of a concept scale. *Gestão & Regionalidade*, 39, e20238322. <https://doi.org/10.13037/gr.vol39.e20238322>

## 1 Introdução

Os debates sobre a SH apresentados por Atienza (2015), Stoett (2016) Walton e Akimoto (2016), entre outros, têm apresentado a abordagem ampla como uma alternativa teórica capaz de promover maior efetividade na execução de projetos de pesquisas ou na formulação de políticas governamentais voltadas ao tema (Breslin & Christou, 2015; Buzan, 2004; Deudney, 1991; Carr *et al.*, 2020; Nobre, Bezerra, & Kuhlmann, 2016),perpassando questões referentes à segurança estatal, características da abordagem restrita (Rodrigues, 2012).

Essa abordagem de SH volta-se ao atendimento dos problemas humanos de forma geral, a partir da análise de suas vulnerabilidades, envolvendo aspectos como: fome, doenças, desastres naturais, recessão econômica, desemprego, entre outros, o que parece apresentar capacidade de assegurar melhorias na operacionalização do conceito, avançando na identificação de diversas ameaças relacionadas ao indivíduo e às suas condições de vida. Nesse sentido, a mensuração da SH configura-se como uma ferramenta útil para a compreensão dos desafios contemporâneos de promoção do bem-estar às pessoas em contextos urbanos, especialmente em termos de intervenções de melhorias para a vida das pessoas (Graham & Poku, 2000), considerada multifacetada e exercida por meio de diversos domínios de intervenção, quais sejam: segurança econômica, alimentar, sanitária, ambiental, pessoal, comunitária e política (UNDP, 1994).

Assim, a SH se efetiva quando todos os domínios da vida cotidiana que a formam são contemplados, o que estimula a busca de medidas universais de vários itens (Tadjbaksh & Chenoy, 2007).

Costumeiramente, avalia-se a SH a partir de um escopo de orientação de cima para baixo, em macroescala. Por outro lado, são raros os estudos que abordam sua instrumentalização em escala local de baixo para cima (Koonings & Kruijt, 2007). Lemanski (2015) observa que a agenda de SH necessitaria incorporar a microescala para compreender como a SH afeta o dia a dia das pessoas nas cidades e, assim, contribuir na formulação de intervenções governamentais em âmbito local.

A literatura sobre SH reforça a importância de sua discussão (Kuhlmann & Faro, 2012), envolvendo sua operacionalização apontada por uma variedade de metodologias (Nobre; Bezerra; Kuhlmann, 2016). A mensuração da SH orienta sua aplicação como política pública e princípio ordenador da formulação de políticas (Carr *et al.*, 2020).

Assim, uma estrutura de análise da SH em nível local, segundo Boyce e Katz (2021), tende a trazer respostas com mais efetividade ao atendimento das necessidades humanas, contribuindo com o debate contemporâneo acerca do necessário reforço de priorizar intervenções na SH em microescala, tornando-se, portanto, visível nesse nível (Sotlar & Tominc, 2019).

Nesse sentido, essa pesquisa buscou a) identificar e validar uma estrutura de mensuração da SH no âmbito de seu conteúdo e face, em um contexto local e do cotidiano de vida das pessoas; e b) descrever o processo metodológico de construção dessa estrutura de mensuração, de forma a permitir a reflexão no âmbito do estudo e sua replicação.

Cabe descrever que, para efeito deste estudo, o ambiente local do cotidiano de vida das pessoas está contextualizado em área urbana, industrializada e com diversidade de estratos econômicos e etários.

Reconhece-se que gestores públicos e outras autoridades municipais se empenharam para preencher as lacunas deixadas por alguns níveis mais elevados de governança, buscando uma liderança consistente e decisiva do setor público de baixo para cima. Nessa perspectiva, os resultados do presente estudo podem contribuir para a mensuração das dimensões da SH e,



assim, servir como alternativas para o planejamento de ações voltadas à melhoria do bem-estar da população (Anderson & De Jong, 2020).

Para isso, este estudo utilizou-se de alternativa metodológica que priorizou estudos teórico-empíricos gerados a partir de procedimentos bibliométricos, os quais possibilitaram a revisão de conteúdo teórico, bem como de eventuais itens em instrumentos operacionalizadores do construto SH. Esse delineamento de natureza exploratória visou a elaboração e validação de conteúdo e forma de um instrumento de coleta de dados considerando o nível local de intervenção, utilizando a opinião de especialistas, e a sua confiabilidade a partir de teste piloto com grupo de respondentes característicos do público alvo de interesse, utilizando o instrumento de coleta de dados resultante da sua validação de conteúdo e forma com os especialistas.

## 2 Breve percurso histórico e conceituação da SH

O debate sobre SH emerge no contexto de discussões sobre processos de desenvolvimento da sociedade e melhoria das condições humanas após a guerra fria, que redefiniu o conceito de segurança, vinculando sua concepção nas pessoas, em oposição ao Estado, como objeto de referência (De Almeida Rocha, 2017). Essa mudança resulta da tentativa de ampliar a definição de desenvolvimento humano, transbordando para além das questões referentes à segurança estatal (Rodrigues, 2012). Desse modo, a SH passou a considerar as necessidades básicas do indivíduo além da sua integridade física (Dalby, 2009; Evans, 2008; Hoffmann, 2010), considerando suas vulnerabilidades desde os aspectos que incluem as necessidades contidas em âmbito mais restrito, até diversas outras ameaças que englobam a vida em sociedade (Fukuda-Parr; Messineo, 2012).

O conceito de SH passou a ser formalmente concebido em 1994, quando da publicação do documento intitulado de *Human Development Report* (Relatório de Desenvolvimento Humano [RDU]) da Organização das Nações Unidas (ONU), que trouxe a formalização do conceito de SH como um marco na abordagem da segurança voltada ao nível individual, na perspectiva de ser uma ferramenta útil para a compreensão dos desafios contemporâneos de promoção do bem-estar das pessoas, fundamentando-se, inicialmente, em dois aspectos: *freedom from want* (livre das necessidades); e *freedom from fear* (livre de medo) – que significam, respectivamente, manter as pessoas seguras quanto às ameaças consideradas graves, a exemplo de doença, fome, crime; e a salvo de alterações prejudiciais em sua vida cotidiana, tais como guerras e genocídios (Hoffmann, 2010).

Posteriormente, a fim de garantir maior relevância ao conceito, o lema *freedom to live in dignity* (liberdade de viver com dignidade) passou a ser enfatizado, ganhando maior notoriedade a partir da institucionalização da *Human Security Unit (HSU) of the United Nations* (Unidade de Segurança Humana [USH] das Nações Unidas), responsável por planos estratégicos de SH em parceria com governos, instituições e sociedade civil (Oliveira, 2020).

## 3 Dimensões e abordagens de intervenção na SH

Considerando a amplitude e certa subjetividade que os temas *livre das necessidades*, *livre de medo* e *liberdade de viver com dignidade* abarcam e, por conseguinte, o surgimento de visões críticas sobre os referidos tópicos (Buzan, 2004; Hansen, 2012; Paris, 2001), a ONU, em um esforço de síntese e direcionamento, apresentou sete diferentes componentes centrais da SH, também chamados de *dimensões*, a saber: segurança econômica; segurança alimentar; segurança sanitária; segurança ambiental; segurança pessoal; segurança comunitária; e segurança política (UNDT, 1994).



Essa subdivisão corrobora a ideia de que a SH, em vez de ser entendida como homogênea, é percebida como multifacetada ou multidimensional (Bambals, 2015). Assim, essas dimensões enfatizam a necessidade de maior foco sobre “o cidadão humano e na capacidade das pessoas de viverem sem obstáculos dramáticos ao seu bem-estar, seja qual for a causa” (Owen & Liotta, 2006, p. 46, tradução nossa) e em longo prazo (De Almeida Rocha, 2017; Oliveira, 2018). O Quadro 1 descreve a noção sintética das sete dimensões da SH, em consonância com Oliveira (2020).

**Quadro 1 – Dimensões da SH**

<b>Dimensões</b>	<b>Intervenções</b>
Segurança Econômica	Com oportunidades de bens e serviços para o trabalho, emprego e renda.
Segurança Alimentar	Com alívio da pobreza, diante da falta de higiene, moradia e educação das regiões carentes.
Segurança Sanitária	Com planos de assistência à saúde, ao bem-estar e à preservação da vida.
Segurança Ambiental	Com práticas de proteção ao ecossistema e conservação da biodiversidade em ambiente saudável.
Segurança Cidadã	Com observância à lei, à ética e às boas práticas, no fluxo da confiabilidade na estrutura da política e na garantia da justiça, para que sirvam de paradigmas aos valores desempenhados pelo Estado na prevenção do crime, controle da violência e punição penal ressocializadora.
Segurança Comunitária	Com êxito da estabilidade na superação de preconceito, intolerância, desigualdade, discriminação, exclusão, manipulação e vulnerabilidade.
Segurança Política	Com governança democrática e políticas públicas voltadas ao bem comum, no fluxo das normas e princípios dos Direitos Humanos e do Direito Humanitário, que motivam os valores das relações harmônicas na sociedade entre o Estado e os cidadãos, ainda que sobrevenha situação de crise, conflito ou pós-conflito. A segurança política está interligada com a segurança jurídica.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

As intervenções associadas a cada dimensão obedecem a uma perspectiva multidisciplinar, sob duas formas: uma, de natureza mais pessoal e, outra, de natureza interpessoal e coletiva.

A primeira acontece diante da recorrência de violências geradas por conflitos civis às populações, por autoagressão associada ao uso de entorpecentes e suicídio (segurança pessoal); por condições precárias de vida, privações materiais, insuficiente consumo diário de alimentação (seguranças econômica e alimentar); e por dificuldades de acesso a serviços de saúde e cuidados médicos (segurança da saúde) (Rodrigues, 2012).

A segunda ocorre diante de precárias condições ambientais, o que compromete a proteção e conservação da biodiversidade e dos ecossistemas (segurança ambiental); de violações aos direitos humanos, decorrentes da ausência de processos democráticos e falta de confiabilidade nas estruturas política e de justiça (seguranças política e cidadã); e de violência entre grupos populacionais em situação de vulnerabilidade, tais como intolerância, desigualdade, preconceito, exclusão e manipulação (segurança comunitária) (Oliveira, 2020; Rodrigues, 2012).

Essas abordagens conceituais dirigidas a SH pareceu contemplar, então, intervenções do tipo *macro-scale top-down interventions* (intervenções de cima para baixo, em macroescala), abordando a segurança em termos de conflito civil, com práticas a partir de estratégias de atores e instituições nacionais, globais e internacionais, encontradas em Bolton (2011), Iqbal (2006), Kumssa, Jones e Williams (2009); e do tipo *bottom-up micro-scale of the everyday* (microescala de baixo para cima, do cotidiano), com foco na pobreza e na violência, a partir de experiências conduzidas por cidadãos e organizações locais, e instituições subnacionais (Koonings; Kruijt,

2007; Lemanski, 2015). Esse último tipo evidencia a relevância da localidade para eventuais adaptações de indicadores de mensuração da SH.

#### 4 Formas de mensuração da SH e agenda local

Tendo em conta as formas de medir a SH, Owen (2008) e Tadjbakhsh (2008) já apontavam a importância de sua mensuração, cujo propósito recai sobre a necessidade de se reunir dados que sejam confiáveis e interpretáveis, a fim de auxiliar governos e agências intergovernamentais a proteger e promover a SH na vida cotidiana das pessoas.

Nessa direção, analisar a SH constitui relevante discussão sobre a temática, bem como fornece relevante eixo de discussão metodológica a partir do resgate de alternativas utilizadas anteriormente para sua mensuração, o que concorre para uma operacionalização mais acurada (Kuhlmann & Faro, 2012; Perez De Armiño, 2013), visto a oportunidade de combinar avaliações objetivas, subjetivas e mistas (Thomas, 2004).

Isso tende a promover a compreensão mais efetiva das maneiras pelas quais a SH afeta a vida cotidiana das pessoas em comunidades e, conseqüentemente, trazer respostas bem-sucedidas no Atendimento às necessidades da população (Boyce & Katz, 2021; Sotlar & Tominc, 2019; Graham & Poku, 2000)

Raciocínio semelhante é apresentado por Carret *et al.* (2020, p. 15, tradução nossa), ao reforçar que a “perspectiva de ser capaz de quantificar as necessidades de SH em qualquer espectro de segurança, definido localmente e que cubra todas as principais questões de segurança, tem apelo para legisladores e agências”, podendo ser de grande valia para a política em torno dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (Nações Unidas, 2019).

#### 5 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos utilizados para validação de conteúdo e de face (Haynes, Richard; & Kubany, 1995; Schiller *et al.*, 2021) envolveram quatro etapas, quais sejam: preparação teórica utilizando recursos do procedimento bibliométrico para levantamento de estudos teórico-empíricos; elaboração de indicadores, tomando-se como base conteúdos levantados no material teórico-empírico examinado; revisão por especialistas dos indicadores propostos como forma de verificação de sua validade, considerando o conteúdo, a forma, a representatividade de domínio e a adequação aos propósitos de mensuração; teste da versão pré-final da escala de indicadores para verificação empírica de sua consistência, em áreas junto a indivíduos residentes em área típica do ambiente local do cotidiano de vida das pessoas proposto no estudo. Assim, foi selecionada a Região do Grande ABC, no Estado de São Paulo, Brasil, cujos indicadores convergem para os atributos do contexto local intencionado neste estudo. A Figura 1 apresenta as etapas realizadas na pesquisa e suas respectivas atividades.

A Etapa 1, denominada de *Preparação teórica*, teve como objetivo levantar estudos teórico-empíricos a partir de pesquisa da literatura referente à SH, almejando identificar os estudos considerados relevantes para esta pesquisa, à medida que traziam modelos de mensuração e permitiam uma revisão das abordagens e do contexto da SH, bem como das variáveis presentes na medição, nas técnicas e nas escalas utilizadas para agregar e analisar os dados dos principais resultados e das considerações dos autores e, principalmente, dos indicadores que correspondiam, de forma geral, à taxonomia da SH proposta pelo PNUD/ONU.



**Figura 1 – Etapas da pesquisa**



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Desse modo, utilizou-se a *Web of Science* como base de dados, a partir do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os critérios de elegibilidade e exclusão dos estudos seguiram os parâmetros de busca avançada a partir de oito termos de tópicos ou palavras-chave, em língua inglesa, filtrando-se os artigos publicados de 2017 a 2021, utilizando o recurso de combinação de resultados, conforme descritos no Quadro 2.

**Quadro 2 – Critérios de busca utilizados na *Web of Science***

Critérios	Descrição
Pesquisa avançada	Permite formar e combinar resultados diversos
TS=	Pesquisa por termos de tópicos nos seguintes campos dos registros: título, resumo, palavras-chave e autor
Termos de tópicos	“ <i>human security</i> ” e as seguintes variações: “ <i>economic security</i> ”, “ <i>food security</i> ”, “ <i>health security</i> ”, “ <i>environmental security</i> ”, “ <i>citizen security</i> ”, “ <i>community security</i> ” e “ <i>political security</i> ”
Restrição por idioma	<i>English</i>
Tempo estipulado	Últimos 5 anos
Combinação de resultados	<i>AND</i>
Registro de citações	Ordem decrescente

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Procedeu-se a filtragem dos estudos por título e leitura do tipo *scanning*, identificando aqueles direcionados ao escopo desta pesquisa. Na sequência, cumpriu-se a implementação da leitura *skimming* (De Sordi, 2013) e o fichamento das informações relevantes, etapas que proporcionam a redução do conjunto de artigos para um número reduzido de casos em que as métricas de mensuração da SH envolvessem indicadores com diferentes aplicações e utilizassem uma ou mais dimensões. Esse procedimento buscou evidenciar tanto conteúdo não estruturado como conteúdo já formatado como indicador associado ao conceito SH, bem como evidenciar a abordagem metodológica utilizada em cada estudo. O resultado dessa fase está explicitado na seção de resultados e discussão.

A Etapa 2, aqui denominada *Geração de indicadores*, tomou o conjunto de conteúdos levantados no material teórico-empírico examinado na etapa anterior e buscou: a identificação de atributos presentes em discussão envolvendo questões de especificidade local sobre SH, bem como conteúdos representados em diferentes assertivas, o que exigiu um esforço de aglutinação e/ou adaptação para uma única assertiva (indicadores), ou, a elaboração de novas assertivas ,

quando as existentes não refletiam especificidade local. Esse processo deu-se por cotejamento analítico dos atributos e indicadores revelando conteúdos teoricamente semelhantes. À vista disso, definiram-se as dimensões e os indicadores para comporem o instrumento inicial de mensuração do construto SH, conforme descrito nos resultados.

Na sequência, a Etapa 3 compreendeu a *Revisão por especialistas* dos indicadores gerados na etapa anterior, cujo procedimento abarcou a validade de conteúdo e forma. Nesse sentido, julgamento dos especialistas manifestou essa validação a partir de quatro quesitos: o item é representativo da dimensão a ser avaliada? O item é apropriado para os propósitos de mensuração? O item está expresso de forma clara e compreensível para o público-alvo da pesquisa? Você faria alguma alteração no conteúdo deste item?

Cada um desses quesitos foi julgado a partir de opções dicotômicas (Sim ou Não) que apreciasse a condição sob avaliação de cada indicador do ponto de vista teórico e semântico, além de propor uma construção textual diferente, caso considerado pertinente. Cada dimensão foi operacionalizada com cinco indicadores. Outrossim, após o conjunto de indicadores apresentado, facultou-se aos especialistas tecerem comentários adicionais sobre a necessidade de inclusão ou exclusão de indicadores ou quaisquer outros aspectos que ponderassem necessários ao avaliar a dimensão e os indicadores propostos. Findada essa etapa, elaborou-se o instrumento inicial de coleta de dados a ser utilizado na fase seguinte.

Assim, um instrumento de validação do construto SH foi encaminhado, via e-mail, para dez especialistas com experiência acadêmica comprovada na temática, com titulação de doutor, sendo três vinculados a universidades estaduais, dois a uma universidade municipal e cinco universidade federais. Nesse ensejo, empregaram-se os recursos do *Google forms* para a elaboração e formatação do formulário e coleta de dados por autopreenchimento.

A Etapa 4 envolveu, então, a aplicação piloto do instrumento inicial, utilizando entrevista pessoal, com o propósito de testar o entendimento do conteúdo e forma dos indicadores e das dimensões, junto a uma amostra intencional de 30 (trinta) respondentes, contemplando indivíduos com idade entre 18 e 60 anos, de diferentes estratos de renda e escolaridade, parte integrada à população economicamente ativa e parte a população não ativa, por meio de entrevista pessoal.

A entrevista consistiu inicialmente na resposta ao instrumento de coleta dos dados, seguida de solicitação de impressões, dúvidas, dificuldades acerca dos enunciados dos indicadores e escala de mensuração de cada indicador, o que subsidiou a implementação de adequações no instrumento. Esse procedimento possibilitou também estimar o tempo médio de aplicação do questionário e seu ajuste para o processo de autopreenchimento.

Foram realizadas duas rodadas piloto, visto que após a primeira foram realizados ajustes sugeridos pelos resultados da primeira rodada, incluindo um novo ordenamento da disposição das dimensões e seus respectivos indicadores. Contudo, a segunda aplicação ocorreu junto a outros sujeitos de mesmo perfil, a fim de verificar a validade do instrumento com os novos ajustes.

Finalmente, na Etapa 5 foi consolidada a formatação do instrumento de mensuração do construto SH, com a adoção da ordem de disposição das dimensões e respectivos indicadores avaliada na segunda rodada.

## 6 Resultados e discussão

Os recursos bibliométricos aplicados na Etapa 1 permitiu a identificação inicial de 819 (oitocentos e dezenove) artigos na base de dados *Web of Science*, a partir dos termos de tópicos ou palavra-chave descritas anteriormente (Quadro 2). Esses artigos foram organizados pela ordem decrescente de registro do número de citações e o refinamento dos resultados de cada



conjunto de palavras-chave deu-se a partir dos seguintes critérios de elegibilidade: o estudo deveria apresentar, pelo menos, uma das dimensões da SH de acordo com a taxonomia proposta pelo PNUD/ONU; e fizesse referência à aplicação do conceito de SH em contexto local.

Todos os artigos examinados por leitura do tipo *scanning* dos títulos, das palavras-chave e dos resumos. Com isso, 56 artigos foram salvos para análise, com o fichamento de informações relevantes por meio da leitura *skimming* ou pré-leitura. A visão geral obtida de cada artigo propiciou a seleção por relevância de seis artigos, visto terem atendido aos critérios propostos para inclusão nesta pesquisa, cujos conteúdos evidenciaram 103 indicadores, conforme descrito no Quadro 4.

Dentre os estudos levantados, Santos *et al.* (2014) propuseram uma versão curta da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), com foco na segurança alimentar, sendo testados dois modelos: um, contendo sete questionamentos e, outro, cinco questionamentos submetidos a análise de concordância, de 230 famílias em Pelotas/RS. Este último foi considerado mais pertinente e adotado como versão curta da EBIA, por apresentar resultados semelhantes à escala original, com menor número de questões.

Por seu turno, Bambals (2015) examinou benefícios decorrentes da aplicação das sete dimensões propostas pelo PNUD (1994) para a SH, analisando os impactos das enchentes na região do Rio Ogrre, na Letônia. Esse estudo de caso permitiu evidenciar as ameaças percebidas pela população local para todas as sete dimensões da SH, bem como avaliar a confiança da população sobre diferentes atores no tocante a sua eficácia na garantia segurança. Os resultados conferiram à pesquisa sua contribuição enquanto instrumento para explorar ambientes específicos de desastres no contexto da análise microrregional

Já Atienza (2015) examinou como as pessoas em ambientes de risco definem a SH usando a estrutura do Índice de Segurança Humana Preliminar do Centro de Estudos do Terceiro Mundo, da Universidade das Filipinas, com o intuito de examinar cinco municípios daquele País. O estudo usou as sete dimensões de SH identificadas pelo PNUD (1994) para formular indicadores aplicáveis ao contexto filipino. O estudo pautou-se no levantamento do sentimento de preocupação das pessoas.

Sotlar e Tominc (2019) realizaram um levantamento da opinião pública na Eslovênia sobre questões relacionadas à segurança nos últimos 25 anos. O foco da investigação foi examinar a visão de moradores e policiais sobre fenômenos de segurança em 24 municípios eslovenos. Esses autores argumentaram que uma sensação de (in)segurança é construída em avaliações subjetivas. Ademais, essas avaliações podem variar consideravelmente, sob a influência de fatores de gênero, geográficos, políticos, sociais, profissionais, de idade, culturais, entre outros.

Tal estudo levantou a percepção dos sujeitos a partir de uma série extensa de fenômenos relacionados à segurança, a partir da indagação: o quanto você está preocupado acerca de? [...]. Nele, reforça-se a importância da percepção dos fenômenos de segurança pelos residentes para garantir subsídios tanto aos formuladores de políticas quanto às agências e aos serviços responsáveis por fornecer proteção e segurança. Para esses autores, levar a opinião pública em consideração aumenta a legitimidade das políticas a serem implementadas. O estudo envidado por eles percorreu sobre seis dimensões da SH do PNUD/ONU, com exceção da segurança alimentar (Sotlar & Tominc, 2019).

Pereirinha e Pereira (2019) abordaram questões referentes à segurança econômica como única dimensão da SH, a partir de situações de *déficit* social existentes na sociedade portuguesa, centrando-se, especificadamente, no rendimento disponível que as famílias têm para satisfazer às suas necessidades. Para o estudo, construíram-se cinco indicadores, tendo em vista uma dimensão subjetiva de insegurança econômica das famílias, e dois voltados a uma dimensão objetiva.

Carret *et al.* (2020) operacionalizaram um modelo na Nova Zelândia, objetivando construir uma medida simples e útil para a SH em situações contemporâneas. Nessa perspectiva, utilizaram as dimensões do conceito da SH, definido pelo PNUD/ONU, como indicadores, ou seja, variáveis diretamente observadas para mensuração da SH, acrescidas das dimensões cibersegurança e segurança nacional, as quais foram mensuradas a partir de “quanta segurança as pessoas sentiam que tinham atualmente, em determinado lugar e tempo, em relação a cada uma das dimensões, a fim de verificar a SH de forma escalonável (Carr *et al.*, 2020). Complementarmente, reagrupam as nove dimensões em três faixas conceituais, delineadas a partir da dificuldade de atendimento às necessidades humanas, ou seja: proximal (pessoal, saúde, alimentar); social (cibernética, comunitária, econômica, ambiental); e distal (nacional, política).

O exame desses seis artigos evidencia a diversidade de propostas de mensuração SH, em termos de suas dimensões e indicadores, atendendo a aplicações diferentes que vão desde a mensuração de apenas uma dimensão da SH, passando pelos sete domínios (PNUD, 1994), e ampliando-os para nove com a incorporação de temática tradicional (como a segurança nacional), bem como de uma mais contemporânea como a cibersegurança. Esta última justificase em função de sua emergente discussão na atualidade, por conta do avanço no uso da Internet e dos problemas decorrentes de utilização indevida de dados pessoais por terceiros sem autorização prévia, além de questões relacionadas à privacidade pessoal de seus usuários (Carr *et al.*, 2020).

O Quadro 3 exibe os principais resultados do levantamento de estudos teórico-empíricos, especialmente o conteúdo de 103 itens identificados nos estudos e as respectivas dimensões às quais são vinculados: segurança econômica (18); segurança alimentar ou nutricional (12); segurança sanitária ou da saúde (9); segurança ambiental ou ecológica (11); segurança pessoal ou cidadã (15); segurança comunitária (20); segurança política (14); segurança cibernética (4).

A partir das dimensões e dos itens constantes nas abordagens selecionadas, procedeu-se à etapa de geração de indicadores específicos. Esse processo baseou-se na análise de conteúdos e indicadores potenciais, e na composição de um conjunto exclusivo de indicadores para criar o instrumento inicial de mensuração do construto. Tais indicadores foram obtidos por meio de adequações de itens ou conteúdo originais abordados pelos autores sobre segurança humana, bem como elaboração própria de indicadores – no que tange aos criados a partir das evidências extraídas dessas abordagens e contextualização ao ambiente de interesse, ou seja, cotidiano de área urbana, industrializada e diversidade de estratos econômicos e etários. Sendo assim, elaborou-se a pergunta principal, gerando-se os 40 indicadores, sendo cinco para cada uma das oito dimensões propostas (Santos *et al.*, 2014; Bambals, 2015; Atienza, 2015; Sotlar & Tominc, 2019; Pereirinha & Pereira, 2019; Carr *et al.*, 2020).

Santos *et al.* (2014) enfatizam que para pesquisas com amostras muito grandes, recomenda-se, quando possível, utilizar um número reduzido de questões para cada dimensão da SH, uma vez que o elevado número de indicadores aumenta o tempo de resposta. Dessa forma, o instrumento com versão mais curta poderia facilitar a aplicação do instrumento. Com base nesse entendimento, consideraram-se oito dimensões da SH e 40 indicadores, conforme citado em outro momento, optando-se por diminuir o enunciado dos indicadores como alternativa viável para diminuir o tempo de resposta.

**Quadro 3 – Dimensões e número de indicadores da SH**

<b>Dimensões</b>	<b>Itens/Indicadores levantados na literatura</b>
Segurança Econômica	Perda do emprego; perdas financeiras; crise financeira; pobreza; risco de rendimentos; perda da casa; acesso à educação pública; fonte regular de renda; oportunidades de emprego; acesso a crédito; incapacidade para suportar despesas inesperadas; insatisfação financeira; incapacidade para fazer face às despesas; peso dos encargos e atraso nos pagamentos.
Segurança Alimentar	Nos últimos 3 meses o(a) Sr(a): teve a preocupação de que a comida na sua casa acabasse antes que tivesse condição de comprar, receber ou produzir mais comida?; Disponibilidade de alimentos a preços acessíveis; [...] a comida acabou antes que o(a) Sr(a) tivesse dinheiro para comprar mais?; [...] ficou sem dinheiro para ter uma alimentação saudável e variada?; [...] ou algum adulto em sua casa diminuiu, alguma vez, a quantidade de alimentos nas refeições, ou pulou refeições, porque não havia dinheiro suficiente para comprar a comida?; Frequência do consumo de alimentos; [...] alguma vez comeu menos do que achou que devia porque não havia dinheiro suficiente para comprar comida? Comida estava em quantidade insuficiente; Experiência de fome involuntária; Experiência de escassez de alimentos.
Segurança da Saúde	Deterioração da saúde; disponibilidade de unidades de saúde; emergência; atendimento em tempo hábil; membro do seguro saúde; doenças infecciosas; alcoolismo; uso de drogas.
Segurança Ambiental	Aumento da poluição na vizinhança; fonte de água potável; experiência de desastres naturais; inundação; agulhas de drogas descartadas em locais públicos; acúmulo de lixo em locais públicos; destruição do meio ambiente.
Segurança Cidadã	Excesso de velocidade e acidentes de trânsito; desastre tecnológico; crime organizado; ato criminoso; agressão física; propriedade da terra; suicídios; violência de rua; ataques/estupros; furtos, roubos domiciliares; violência doméstica.
Segurança Comunitária	O aumento da desigualdade na sociedade; segurança percebida; melhoria dos níveis de segurança; experiência e frequência de conflito violento; nível de segurança que leva os residentes a saírem da comunidade; civis portando armas; redução de nascimentos; tráfico de drogas; imóveis em ruínas; presença de pessoas de diferentes origens étnicas; trabalhadores estrangeiros; turistas; refugiados, imigrantes ilegais; música alta; eventos ao ar livre à noite; estacionamento ilegal; prostituição e vandalismo
Segurança Política	Direitos políticos; liberdade diminuída; confiança em funcionários governamentais; corrupção; nacionalismo extremo; terrorismo; ameaças militares representadas por outros estados; disputas com países vizinhos; venda de ativos nacionais; instabilidade política; dependência energética; atraso científico e tecnológico..
Segurança Cibernética	Confidencialidade; integridade; disponibilidade; ataques cibernéticos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

No presente estudo, a reflexão teórica acerca do conteúdo mínimo a ser contemplado em cada dimensão da SH convergiu para a adoção de cinco indicadores sob o pressuposto que os conteúdos contemplados operacionalizariam com confiabilidade cada dimensão, o que induziria a uma amostra mínima exequível. Registre-se que, por um lado, grandes amostras incidem em maior erro não amostral, além de custos maiores, e, por outro, o tamanho da amostra necessita contemplar as exigências de técnicas de análise estatística multivariadas previstas no estudo, como a análise fatorial exploratória e a confirmatória, ambas fundamentais no processo analítico para a estruturação das escalas de conceito e, portanto, procedimentos estatísticos subsequentes às etapas apresentadas no presente estudo. Hil & Hil (2006) e Maroco (2014), entre vários outros, são autores que alertam para a necessidade de pelo menos 5 (cinco) casos e idealmente 20 casos, ou, por vezes 50 casos, para cada indicador proposto na operacionalização de um construto. Sob essas considerações, o Quadro 4 apresenta o conjunto proposto de indicadores por dimensão da SH, os quais são precedidos de abordagem contextualizada para apresentação dos indicadores.



Para realizar a mensuração da SH, a partir da submissão de cada indicador integrante da escala operacionalizadora desse construto à avaliação do público de interesse, em processos de amostragem, parte dos estudos aqui selecionados utilizaram desde instrumentos binários, com opções Sim/Não (Santos *et al.*, 2014; Carr *et al.*, 2020), passando por escalas tipo Likert com três pontos relativos ao sentimento de preocupação (muito, um pouco, nem um pouco) (Sotlar & Tominc, 2019), com quatro pontos relativos a opinião de concordância (concordo absolutamente; tendo a concordar; tendo a discordar; discordo absolutamente) (Bambals, 2015) e atingindo cinco pontos relativos a opinião sobre a representação de problemas de segurança, expresso somente nas extremidades da escala (não é considerado um problema e considerado um grande problema) (Sotlar & Tominc, 2019).

Em específico, o estudo de Pereirinha e Pereira (2019) considerou o valor médio de itens apurados ao longo de um período como forma de mensuração, enquanto o estudo de Atienza (2015) analisou o construto SH a partir de questões abertas.

A recomendação central no desenvolvimento de escalas de mensuração é que as propriedades básicas relacionadas à confiabilidade, validade e sensibilidade sejam consideradas (Cummins & Gullone, 2000), para o que aumentar o número de gradações na escala métrica de natureza intervalar tende a contribuir. Em função disso, o presente estudo optou pelo uso de instrumento de medição do nível de preocupação com situações de segurança humana com 11 pontos, ou seja, de 0 (zero) a 10 (dez), conforme ilustrado no interior do Quadro 4, visando ampliar a sensibilidade do instrumento à variabilidade do público alvo, promovendo consistência interna do instrumento.

No tocante à escala de mensuração dos indicadores, é oportuno frisar que a literatura considerada na elaboração do instrumento trouxe o reforço da palavra *preocupação* como termo orientador para as avaliações da SH, o que facilitaria o entendimento dos respondentes, uma vez que o termo *segurança humana* não é usual no dia a dia das pessoas.

As decisões tomadas neste estudo na estruturação do processo de mensuração do construto SH, consubstanciadas no instrumento de coleta de dados, foram, então, submetidas aos especialistas que avaliaram o conteúdo e forma do instrumento, conforme requisitos de validação mencionados anteriormente (Elliot *et al.*, 2012; Costa, 2011).



**Quadro 4 – Conjunto de indicadores da SH encaminhada para revisão por especialistas**

<b>Abordagem preliminar ao conteúdo do indicador</b>	
<p>Pensando nas condições de vida no seu cotidiano ou no cotidiano de famílias que residem nesta cidade, qual o seu grau de preocupação com cada situação apresentada nas frases. Para responder você indicará uma pontuação entre “0” (zero) e “10” (dez). O Zero representa o sentimento de Nenhuma Preocupação e o Dez, representa o sentimento de Muita Preocupação.</p> <p style="text-align: center;">Nenhuma preocupação <span style="float: right;">Extrema preocupação</span></p> <p style="text-align: center;"> <span style="margin-right: 10px;">0</span> <span style="margin-right: 10px;">1</span> <span style="margin-right: 10px;">2</span> <span style="margin-right: 10px;">3</span> <span style="margin-right: 10px;">4</span> <span style="margin-right: 10px;">5</span> <span style="margin-right: 10px;">6</span> <span style="margin-right: 10px;">7</span> <span style="margin-right: 10px;">8</span> <span style="margin-right: 10px;">9</span> <span>10</span> </p>	
<b>Indicadores iniciais por dimensões</b>	
<b>S. Alimentar.</b>	1. [...] ter acabado a comida antes de ter condições de comprar mais.
	2. [...] ter que comprar alimentos de baixa qualidade para poder se alimentar.
	3. [...] diminuir a quantidade de comida nas refeições por falta de dinheiro.
	4. [...] diminuir o número de refeições do dia por falta de dinheiro.
	5. [...] faltar comida, por um dia todo, por não ter dinheiro para comprar.
<b>S. Econômica</b>	6. [...] total da renda da família não ser suficiente para manter as necessidades.
	7. [...] não ter como pagar despesas inesperadas ou aumentos dos gastos familiares.
	8. [...] atrasar o pagamento de alguma prestação ou de alguma conta.
	9. [...] diminuir a renda da família se alguém perder o emprego.
	10. [...] não ter acesso a empréstimos em caso de alguma necessidade.
<b>S. Sanitária</b>	11. [...] não ter acesso a unidades de serviços de saúde na cidade.
	12. [...] não ter ajuda médica em caso de urgência.
	13. [...] não ter atendimento médico adequado em caso de doença infecciosa.
	14. [...] ter atendimento médico por telefone ou pelo computador, via internet.
	15. [...] não ter orientação ou acesso a cuidados de saúde em caso de uso de droga ou problemas de saúde mental.
<b>S. Cidadã</b>	16. [...] sofrer ameaças ou agressão física de outra pessoa ou grupos de pessoas.
	17. [...] sofrer algum tipo de acidente (trabalho ou trânsito).
	18. [...] sofrer ameaças de grupos organizados (por exemplo: gangues, milícias, tráfico de drogas).
	19. [...] sofrer algum tipo de violência urbana (por exemplo: assalto, roubo, furto, sequestro).
	20. [...] não ter confiança no trabalho realizado pela polícia.
<b>S. Cibernética</b>	21. [...] alguma informação importante buscada na Internet não ser verdadeira.
	22. [...] ter seus dados pessoais usados ilegalmente.
	23. [...] ter sua privacidade invadida com a divulgação de dados pessoais.
	24. [...] ter medo de sofrer algum golpe pela Internet.
	25. [...] passar por algum tipo difamação ou agressão em redes sociais.
<b>S. Comunitária</b>	26. [...] ser discriminado por religião, orientação sexual, racismo ou quaisquer outros tipos de preconceito.
	27. [...] ocorrência de vandalismo na área onde mora.
	28. [...] barulho diversos na área onde mora (por exemplo: som alto, algazarras, brigas ou outros eventos desse tipo).
	29. [...] possibilidade de ocorrer conflitos violentos na área onde mora.
	30. [...] ter que mudar de endereço por falta de segurança na área onde mora.
<b>S. Ambiental</b>	31. [...] qualidade da água que chega à sua casa.
	32. [...] poluição do ar na área onde mora.
	33. [...] enchente ou deslizamento de terras que possam atingir a sua residência.
	34. [...] acúmulo de lixo em locais públicos na área onde mora.
	35. [...] presença de esgoto a céu aberto na área onde mora.
<b>S. Política</b>	36. [...] perda de direitos e liberdades enquanto cidadão.
	37. [...] não ter acesso para opinar sobre projetos ou ações do governo local.
	38. [...] não ter suas necessidades de município atendidas pelos órgãos públicos.
	39. [...] comportamento ou atuação dos políticos locais.
	40. [...] atuação da justiça.

Fonte: Elaborado pelos autores





do instrumento de coleta de dados para mensuração do construto SH em nível local foi estabelecida, conforme dispõe o Apêndice A.

## 7 Considerações finais

A partir da composição da escala de indicadores para operacionalizar as dimensões do construto SH e da escala de mensuração desses indicadores, geradas pelo processo metodológico implementado, algumas considerações podem ser apontadas.

A primeira delas diz respeito ao desenvolvimento das atividades de pesquisa bibliográfica, bem como dos recursos e dos procedimentos bibliométricos a serem empregados. Assim, ressalta-se a relevância da exploração teórica que garanta um levantamento abrangente de estudos teórico-empíricos, a partir de uma ou mais base de dados confiáveis. Ademais, é necessário estabelecer uma definição clara dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos para selecionar apenas as abordagens relevantes ao escopo do trabalho, bem como aos propósitos de mensuração buscados.

Outrossim, torna-se relevante a definição de requisitos observáveis nos estudos, além da identificação do conteúdo e dos itens que servirão de base para a composição dos indicadores da escala: o contexto de abordagem do construto presente no estudo; a amostra e as técnicas utilizadas; os instrumentos empregados; a forma de divulgação dos resultados; as limitações relatadas e as sugestões propostas para estudos futuros.

A segunda consideração volta-se para o planejamento das etapas a serem executadas e para o detalhamento das atividades. Assim destaca-se relevante o registro do passo a passo dos procedimentos metodológicos efetivados, podendo compor um apêndice, a fim de facilitar a replicação do trabalho por outros pesquisadores.

Embora não componha o conjunto de atividades neste estudo, sugere-se verificar a confiabilidade da escala por meio da Análise Fatorial Exploratória (AFE) e, em seguida, os procedimentos de Análise Fatorial Confirmatória (AFC).

Registre-se que os indicadores propostos remetem à percepção dos respondentes sobre aspectos de sua vida, dependendo da própria apreciação feita por eles, isto é, a percepção socialmente construída sobre a sensação de segurança, portanto, constituindo uma avaliação subjetiva. Para medir o real estado de segurança de forma objetiva, importa considerar outros indicadores objetivos para cada dimensão da SH, a serem aplicadas adicionalmente à escala desenvolvida.

Atenção importante a ser vislumbrada na condução de estudos, tendo em vista que a SH é abstrata e não usual na linguagem cotidiana, para que os conteúdos do enunciado dos indicadores abordarem as preocupações dos sujeitos. As palavras, as ameaças, o medo, a preocupação, o receio ou a crise, por exemplo, podem ser adotadas. Contudo, se faz necessário avaliar a sua pertinência ao público-alvo e as especificidades do conteúdo sob avaliação, sua relevância no contexto local e temporal, customizando os indicadores.

Como limitações do estudo, registra-se o fato de a análise ser circunscrita, prioritariamente, à *Web of Science* e, esporadicamente, ao *Google* acadêmico. Recomenda-se para pesquisas futuras ampliar a amostra a partir de repositórios nacionais,

Contudo, é necessário rever os indicadores e sua relevância no contexto local e temporal, customizando os itens e conteúdo em temas que operacionalizem a SH. Assim, ratifica-se a necessidade de inclusão de novas percepções às necessidades humanas, as quais poderão ser investigadas a partir da escala aqui desenvolvida, conjecturando as características sociodemográficas do público-alvo e as especificidades locais, bem como o contexto de mudanças da própria sociedade.



Neste contexto, a segurança cibernética, por exemplo, parece ser uma dimensão que está em evidência no conjunto de necessidades humanas básicas, tanto em virtude da variedade de ameaças à segurança pessoal, da população em diferentes faixas etárias e estratos sociais usuários da internet, quanto pelo avanço dos recursos tecnológicos, das normas legais de proteção ao cidadão e de sua efetiva aplicabilidade, fatos que justificaram sua inclusão entre as dimensões da SH.

Finalmente, registre-se que a intenção deste estudo foi desenvolver uma escala para aplicações em contextos urbanos para a avaliação da SH, cujos resultados produzidos possam contribuir para o planejamento de ações e políticas governamentais, nomeadamente no que alude à necessidade de priorizar intervenções a partir de variáveis observáveis em nível local ou microescala da SH.

## Referências

- Atienza, M. E. L. (2015). People's views about human security in five Philippine municipalities. *Disaster Prevention and Management*.
- Bambals, R. (2015). Human security: an analytical tool for disaster perception research. *Disaster Prevention and Management*.
- Bolton, M. B. (2011). Human security after state collapse: global governance in post-earthquake Haiti. *LSE Global Governance Working Paper Series*, (RP 01/2011).
- Boyce, M., & Katz, R. (2021). The health secure city: cities as conquerors of disease. In *Inoculating Cities* (pp. 227-233). Academic Press.
- Breslin, S., & Christou, G. (2015). Has the human security agenda come of age? Definitions, discourses and debates. *Contemporary Politics*, 21(1), 1-10.
- Buzan, B. (2004). Implications for the Study of International Relations. In *Global Responses to Terrorism* (pp. 314-327). Routledge.
- Buzan, B., & Hansen, L. (2012). *A evolução dos estudos de segurança internacional*. São Paulo: UNESP.
- Carr, S. C., Hopner, V., Hakim, M. A., Hodgetts, D. J., Chamberlain, K., Nelson, N., & Jones, H. (2021). Scaling the Security Staircase. *Political Psychology*, 42(4), 575-595.
- Costa, F. J. D. (2011). *Mensuração e desenvolvimento de escalas: aplicações em administração*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda.



- Cummins, R. A., & Gullone, E. (2000). Why we should not use 5-point Likert scales: the case for subjective quality of life measurement. In *International Conference on Quality of Life in Cities*, 2. Proceedings Singapore.
- Dalby, S. (2009). *Security and environmental change*. Polity.
- De Almeida Rocha, R. M. (2017). O histórico da segurança humana e o (des) encontro das agendas de desenvolvimento e segurança. *Carta Internacional*, 12(3), 104-129.
- De Sordi, J. O. (2013). *Elaboração de pesquisa científica: seleção, leitura e redação*. 1. Ed, São Paulo: Saraiva.
- Elliot, L. G., et al. (2012). *Instrumento de avaliação e pesquisa: caminhos para construção e validação*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Evans, P. M. (2008). Human security in extremis: East Asian reactions to the responsibility to protect. In *Human Security in East Asia* (pp. 91-105). Routledge.
- Field, A. (2009). *Descobrendo a estatística usando o SPSS*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Fukuda-Parr, S., & Messineo, C. (2012). *Human Security: A critical review of the literature*. Centre for Research on Peace and Development (CRPD) Working Paper, 11, 1-19.
- Graham, D. T., & Poku, N. (2000). *Migration, globalisation and human security*. Londres, Nova York: Routledge.
- Haynes, S. N., et al. (1995). Content validity in psychological assessment: a functional approach to concepts and methods. *Psychol Assess*, 7(3), 238-247.
- Hoffmann, L. (2009). *The universality of human rights*. Judicial Studies Board Annual Lecture, 19, 22-3.
- Iqbal, Z. (2006). Health and human security: the public health impact of violent conflict. *International Studies Quarterly*, 50(3), 631-649.
- Koonings, K., & Kruijt, D. (2007). Fractured cities, second-class citizenship. In *Fractured cities: Social exclusion, urban violence and contested spaces in Latin America* (p. 7).
- Kronemberger, D. M. P. (2019). Os desafios da construção dos indicadores ODS globais. *Ciência e cultura*, 71(1), 40-45.



- Kuhlmann, P., & Faro, F. (2012). Human Security and Emancipation: Measurements and issues. *Global Movements, National Grievances*, 293.
- Kumssa, A., Jones, J. F., & Williams, J. H. (2009). Conflict and human security in the North Rift and North Eastern Kenya. *International Journal of social economics*.
- Lemanski, C. (2012). Everyday human (in) security: Rescaling for the Southern city. *Security Dialogue*, 43(1), 61-78.
- Lemanski, C. (2012). Everyday human (in) security: Rescaling for the Southern city. *Security Dialogue*, 43(1), 61-78.
- Liotta, P. H., & Owen, T. (2006). Why human security. *Whitehead J. Dipl. & Int'l Rel.*, 7, 37.
- Magalhães, F. N. C. (2015). Produção do espaço na cidade do neoliberalismo e novas aberturas no espaço digital. In *Teorias e práticas urbanas – condições para a sociedade urbana*.
- Marôco, J. (2021). *Análise estatística com o SPSS statistics: 8. ed.* Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Nobre, F. R. F., Bezerra, C., & Kuhlmann, P. (2016). Índices de geração de segurança humana: uma aplicação ao caso peruano. *Revista de Estudos Internacionais*, 7(2), 44-64.
- Oliveira, A. B. de. (2009). O Fim da Guerra Fria e os Estudos de Segurança Internacional: O Conceito de Segurança Humana. *Revista Eletrônica Aurora. Ano III*, 5, 68 -79.
- Oliveira, E. (2020). *O Universo da Segurança Humana*. Coplad-Ilanud Publication. San José–Costa Rica.
- Owen, T. (2008). Measuring human security. In *Environmental change and human security: Recognizing and acting on hazard impacts* (pp. 35-64). Springer, Dordrecht.
- Paris, R. (2001). Human security: paradigm shift or hot air?. *International security*, 26(2), 87-102.
- Pereirinha, J. A., & Pereira, E. (2019). Défice Social e Pobreza Relativa: uma análise da adequação do bem-estar e da segurança económica em Portugal.
- Pérez de Armiño, K. (2013). La gobernanza global de la seguridad alimentaria: debilidades, disparidades e iniciativas de reforma. *Alimentación y derecho internacional : armas, instituciones y procesos*, 83-118.



- Rodrigues, T. (2012). Segurança planetária: entre o climático e o humano. *Ecopolítica*, n. 3.
- Santos, L. P. D., et al. (2014). Proposta de versão curta da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar. *Revista de Saúde Pública*, 48, 783-789.
- Schiller, C. D. O. A., et al. (2021). Validação de face e construto do Instrumento de Avaliação de Redes de Atenção Materno-infantil (IARAMI). *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 3657-3670.
- Sotlar, A., & Tominc, B. (2019). Perception of Security Phenomena in Local Communities in Slovenia. *Revija za kriminalistiko in kriminologijo*, 70(5), 439-454.
- Stoett, P. (2016). *Human and Global Security*. University of Toronto Press.
- Tadjbakhsh, S. (2013). In defense of the broad view of human security. In *Routledge handbook of human security* (pp. 63-77).
- Tadjbakhsh, S., & Chenoy, A. (2007). *Human Security: concepts and implications*. Routledge.
- Thomas, C. (2001). Global governance, development and human security: exploring the links. *Third World Quarterly*, 22(2), 159-175.
- United Nations Development Programme (UNDP) (1994). *Human Development Report 1994*. Oxford: Oxford University Press.
- Walton, D., & Akimoto, D. (2016). The human security agenda: Australia and Japan. *New Approaches to Human Security in the Asia-Pacific*, 153-175.



**Apêndice A - Indicadores propostos para mensuração do construto Segurança Humana em Microescala**

<b>Dimensões</b>	<b>Ind.</b>	<b>Indicadores finais</b>
Segurança Alimentar	1.	Nos últimos 3 meses, a comida na minha casa acabou ou tive preocupação que acabasse antes que eu tivesse condições de comprar mais comida.
	2.	Comprei alimentos de menor qualidade para poder me alimentar nos últimos 3 meses,
	3.	Precisei diminuir a quantidade de comida nas refeições, nesses últimos 3 meses, por falta de dinheiro.
	4.	Nesses últimos 3 meses, tive que diminuir o número de refeições por dia por falta de dinheiro.
	5.	Faltou comida, por um dia todo, nesses últimos 3 meses, por que eu não tinha dinheiro para comprar.
Segurança Econômica	6.	Nos últimos 3 meses, a renda da família foi suficiente para atender a todas as nossas necessidades de compra.
	7.	Consegui arcar com despesas inesperadas ou aumento de algum gasto da família nos últimos 3 meses,
	8.	Nos últimos 3 meses, atrasei o pagamento de alguma prestação ou contas que tinha para pagar por falta de dinheiro.
	9.	Nesses 3 últimos meses, precisei fazer ou pensei em fazer empréstimo para cobrir as necessidades da minha família.
	10.	A renda da minha família diminuiu nos últimos 3 meses,
Segurança da Saúde	11.	Precisei de atendimento em um posto de saúde e não consegui ser atendido(a).
	12.	Tive uma urgência de saúde e não consegui ser atendido(a) nesta cidade.
	13.	Precisei de uma internação em hospital para tratamento de saúde ou cirurgia e não consegui ser atendido(a).
	14.	Precisei de uma orientação ou recomendação de saúde e não consegui acessar algum serviço médico oferecido por telefone ou computador nesta cidade.
	15.	Precisei de atendimento voltado à saúde mental (psiquiatra, psicólogo, terapeuta e similares) e não consegui ser atendido(a) nesta cidade.
Segurança Cidadã	16.	Sofri ou tive receio de sofrer algum tipo de ameaça ou agressão física de outras pessoas nos últimos 3 meses,
	17.	Nos últimos 3 meses, sofri ou tive receio de sofrer algum tipo de acidente de trabalho ou no trânsito.
	18.	Tive receio de sair a pé nos arredores da minha casa nos últimos 3 meses,
	19.	Nos últimos 3 meses, sofri assalto, roubo, furto ou sequestro relâmpago.
	20.	Não confiei no trabalho realizado pela polícia nos últimos 3 meses, nesta cidade
Segurança Cibernética	21.	Precisei de alguma informação na <i>Internet</i> que julgava importante e depois descobriu que não era verdadeira.
	22.	Tive medo que meus dados pessoais encontrados na <i>Internet</i> fossem usados sem autorização.
	23.	Teve ou preocupou-se em ter minha privacidade invadida via <i>Internet</i> .
	24.	Sofri ou tive medo de sofrer algum golpe pela <i>Internet</i> .
	25.	Tive preocupação de passar ou passei por algum tipo de pressão, difamação ou agressão em redes sociais.
Segurança Comunitária	26.	Tive receio de ser discriminado(a) ou fui discriminado(a) por religião, orientação sexual, racismo ou outro tipo de preconceito no bairro onde mora, nos últimos 3 meses.
	27.	Presenciei ou fiquei sabendo de algum tipo de vandalismo no meu bairro, nesses últimos 3 meses.
	28.	Nos últimos 3 meses, tive dificuldade para descansar, dormir ou trabalhar por causa de barulhos perto da minha casa.
	29.	Já presenciei algum tipo de conflito entre vizinhos ou violência no meu bairro, nos últimos 3 meses.
	30.	Nos últimos 3 meses, pensei em mudar de endereço por falta de segurança no meu bairro.
Segurança Ambiental	31.	Considerando os últimos 3 meses, a água que chegou na sua casa apresentou boa qualidade.
	32.	No bairro onde eu moro ocorreu algum tipo de poluição grave, nos últimos 3 meses.
	33.	Tive receio, nesses últimos 3 meses, que minha casa fosse atingida por enchentes ou deslizamento de terras ou com explosões ou algum outro tipo de problema como esses.
	34.	Nos últimos 3 meses, ocorreu o acúmulo de lixo em locais próximo a minha casa.
	35.	Ocorreu rompimento ou vazamento da rede de esgoto a céu aberto no bairro onde moro, nos últimos 3 meses.
Segurança Política	36.	Nos últimos 2 anos, fiquei com receio de perder meus direitos e liberdades enquanto cidadão(ã).
	37.	Tive preocupação com a forma que a justiça tem atuado nos últimos 2 anos.
	38.	Nesses 2 últimos anos, tive necessidades que não foram atendidas pelos órgãos públicos.
	39.	Fiquei preocupado(a) com comportamentos ou atuação de políticos da cidade, considerando esses 2 últimos anos.
	40.	Nesses últimos 2 anos, o governo municipal ofereceu alternativas de participação da população nas decisões sobre políticas públicas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

